

MEDIAÇÕES COMUNICATIVAS DA CULTURA E SUAS PERFORMANCES – APRESENTAÇÃO DO II DOSSIÊ COMUNICAÇÃO E AS PERFORMANCES DA CULTURA

Lara Lima Satler¹

Luciene Oliveira Dias²

Renata de Lima Silva (Kabilaewatala)³

Os estudos de performance são um campo aberto e sem cercas, nos termos que Richard Schechner anunciou desde seu encontro e formulações com o antropólogo Victor Turner, onde Teatro e Antropologia se canibalizam. Se considerarmos ainda as contribuições de autores como Milton Singer, Richard Bauman, Daiane Taylor entre outros e outras, veremos que o campo de estudo das performances se debruça sobre aspectos expressivos, artísticos e identitários produzidos na e pela cultura de determinadas sociedades, sem abordá-los apenas como objetos, mas, sobretudo, como modos de habitar e significar o mundo que não só expressam e refletem, mas que provocam novas experiências. Deste modo, podem ser compreendidos a partir das práticas performáticas, como exemplo, uma peça de teatro, uma apresentação de dança, um show, uma performance artística nas ruas e também como uma teoria, um sistema de ideias, um modo de olhar para o mundo ao nosso redor. Trata-se ainda de um modo de pesquisar e entender o mundo, articulando um sentido epistemológico a um método de análise.

Podem ser ainda uma disciplina acadêmica com características indisciplinadas, ou melhor, adisciplinadas, pois não se propõe a demarcar as fronteiras do que pode ou não ser observado através das suas lentes. De modo mais preciso, os estudos das performances são interdisciplinares, entendendo que o inter implica estar entre disciplinas, nem dentro, nem fora delas. Assim, “to be ‘inter’ is to

¹ Programa de Performances Culturais da Universidade Federal de Goiás, GO, Brasil. E-mail: lara_lima_satler@ufg.br - ORCID: 0000-0002-2509-6278

² Programa de Performances Culturais da Universidade Federal de Goiás, GO, Brasil. E-mail: luciene_dias@ufg.br - ORCID: 0000-0002-7593-4540

³ Programa de Performances Culturais da Universidade Federal de Goiás, GO, Brasil. E-mail: renatazabele@gmail.com - ORCID: 0000-0002-7551-1468

exist between, on the way from something toward something else” (ser ‘inter’ é estar entre, na direção de alguma coisa através de outra) (SCHECHNER, 2020, p. IX).

As performances podem ser compreendidas por meio da exibição de habilidades, de comportamentos e ainda envolvem o sucesso de atividades. Desse modo,

há dois conceitos diferentes de performance, um envolvendo a exibição de habilidades, e outro também abrangendo exibição, mas menos de habilidades do que de modelo de comportamento reconhecido e codificado culturalmente. Um terceiro conjunto de usos do termo [...] [põe a ênfase] no sucesso da atividade. (CARLSON, 2010, p. 15)

Quando nossa artista favorita sobe no palco e canta, por exemplo, está performando no sentido de exibir suas habilidades. Já quando as avós mostram às netas que mulheres se sentam de pernas cruzadas, temos a demonstração de um comportamento que é codificado culturalmente e que pretende moldar os modos de sentar das mulheres, donde podemos ver em ato os valores performarem. Por fim, quando se lê nos jornais que a jogadora Marta teve uma ótima performance nas Olimpíadas, entendemos que ela foi bem sucedida e, nessa aplicação do termo, podemos entender performance como desempenho. Esta última acepção do conceito pode ser estendido também à atividades não humanas, visto que podemos dizer, por exemplo, que os *softwares* livres têm a mesma performance que os de código fechado e pago, isto é, ambos funcionam com o mesmo e satisfatório desempenho.

Em todos os três aspectos, o conceito de performance envolve além da pessoa ou da atividade performando, também aquela que observa a performance e a julga. Afinal, para Carlson (2010, p. 16) "performance é sempre performance para alguém, um público que a reconhece e valida como performance mesmo quando, como em alguns casos, a audiência é o *self*". Assim, pode-se compreender a performance como ação executada para alguém, para um outro mesmo que esse outro seja imaginado ou ainda que ocupe o lugar do próprio *self*.

Assim, há uma perspectiva de duplicidade nas performances que opera a partir de uma dupla consciência, pois nem sempre o observador delas será uma audiência concreta. Por isso, antes da execução de uma performance há uma inspiração e uma criação dela baseada em um modelo mental que a guiará, pois a "performance envolve uma consciência de duplicidade, por meio da qual a execução real de um ato é colocada em comparação mental com um modelo - potencial, ideal ou lembrado - dessa ação" (CARLSON, 2010, p.16). Desse modo, aqui a característica de dupla consciência importa mais que a audiência, uma vez que ela sempre existirá virtualmente para quem performa.

Neste sentido, o exercício de performar estabelece um estreito diálogo com o processo comunicativo que se estabelece na relação entre um emissor e um receptor. Dada a proximidade que os estudos de performances estabelecem com a perspectiva sócio-antropológica das atividades humanas, uma das teorizações do campo da comunicação que dialoga com estes interesses é a teoria das mediações.

Qual a justificativa para a sistematização da teoria das mediações? Ao mapear o campo de estudo, Martín-Barbero (2009) apresenta que a densidade cultural dos países latino-americanos ficou em segundo plano nas pesquisas em comunicação. Por isso, argumenta que a comunicação carece de uma teoria com diálogos sociológicos, semióticos e informacionais, justificando assim a proposição da teoria das mediações. Sua argumentação se fundamenta nas duas etapas da formação de um paradigma hegemônico das pesquisas em comunicação.

Assim, apresenta duas etapas de formação do paradigma hegemônico para análise da comunicação na América Latina. Na primeira, a etapa Ideologista, iniciada nos finais dos anos 1960, o modelo de Laswell, procedendo de uma epistemologia semiótica estruturalista, se encontrou com a investigação crítica, o que acarretou em pesquisas que denunciam as "estratégias mediante as quais a ideologia dominante penetra o processo de comunicação [...] provocando determinados efeitos" (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 278).

Nesta direção, ao revisarmos as grandes escolas de comunicação do período apresentado acima, temos que o funcionalismo americano não se ocupou propriamente da análise dos meios de comunicação, uma vez que o fragmentado esquema de Lasswell buscou os efeitos da comunicação de massa, deixando de lado os meios em si. Assim, “representado por diferentes tradições de pesquisa, os objetos historicamente privilegiados pelo funcionalismo são: a persuasão, o controle social, os usos e gratificações, os processos de produção da notícia” (MARTINO, 2015, p. 29), implicando um enfoque restrito à eficácia dos processos comunicacionais. Por isso, o autor argumenta que as análises não se pautaram nem por pesquisas teóricas sobre os meios, nem questões históricas envolvendo os seus instrumentos, ao contrário, se voltaram para a eficácia dos mesmos junto à sociedade.

Também neste sentido, a Escola de Frankfurt não se voltam para teorizar sobre os meios de comunicação em si, uma vez que sua orientação “fortemente influenciada pelos conceitos marxistas (alienação, ideologia...), e talvez demasiadamente voltada a uma abordagem político-econômica dos processos de comunicação de massa” (MARTINO, 2015, p. 29) negligenciam integrar os meios de comunicação em suas análises. Desse modo, o enfoque desta escola está na teorização sobre a alienação e ideologia no contexto dos meios de comunicação, mas estes não são propriamente o interesse de investigação.

O diálogo com estas duas escolas desloca a onipotência dos meios - atribuída pelas teorias funcionalistas - para a ideologia de modo que as pesquisas passam a expor objetos, sujeitos, dispositivos e discursos buscando neles prioritariamente aspectos da manipulação. Resultou desta etapa um esvaziamento de densidade cultural nas análises e ausência de ações de oposição, pois “entre emissores-dominantes e receptores-dominados, nenhuma sedução, nem resistência, só a passividade do consumo e a alienação decifrada na imanência de uma mensagem-texto nunca atravessada por conflitos e contradições, muito menos por lutas” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 279).

Assim, buscar uma interlocução com a teoria das mediações partindo de questões norteadoras de pesquisa que buscam o impacto, os efeitos, a eficácia, o controle que os meios de comunicação imprimem na sociedade não tem muito sentido. Também perguntar pela alienação ou pela ideologia que os meios de comunicação produzem socialmente ou ainda partir de um ponto de vista

distanciado e denunciado dos seus instrumentos técnicos torna-se um contrassenso, na medida em que a perspectiva teórica barberiana se apresenta como uma alternativa a este paradigma.

O modelo informacional, de meados dos anos 1970, marca a segunda etapa caracterizada pela renovação do positivismo cientificista que "proíbe a problematização de tudo aquilo que não tivesse a correspondência de um método" (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 279). Em nome do método, este modelo deixou de fora a questão do sentido e do poder, bem como o processo de comportamento coletivo que está embrenhado de conflito de interesses na veiculação de informações, os problemas de desinformação e controle, as condições sociais da produção de sentido, as lutas pela hegemonia.

Em nome de um rigor metodológico, fragmenta-se o processo, separando a análise da mensagem da análise da recepção, que ao ser concebida como indagação dos efeitos ou da reação, torna-se míope por não ver as contradições, a expressão dos conflitos - no lugar vê-se apenas ambiguidades. É uma racionalidade que propõe uma "dissolução tecnocrática do político" (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 282), pois este é a expressão da opacidade social e realidade conflitiva e cambiante que se realiza através das mediações e luta pela construção de sentido. Por isso, devido aos limites do segundo modelo hegemônico exposto, o autor propõe uma mudança do paradigma para a perspectiva das mediações. Para Lopes (2018, p. 15),

- a) a comunicação hoje é uma questão de mediações mais do que de meios de comunicação;
 - b) a mediação constitui uma perspectiva teórica compreensiva tanto dos processos de produção, do produto, como da recepção;
 - c) todo o processo de comunicação é articulado a partir das mediações.
- Acompanhando temporalmente o conceito, notamos que:
- a) a mediação é inicialmente vista como uma perspectiva de investigação sobre e a partir da recepção;
 - b) afirma-se progressivamente a importância da mediação para uma teoria da comunicação;
 - c) não há uma definição única de mediação;
 - d) mediação é uma noção plural: mediações.

Assim, as rupturas e deslocamentos proporcionados pela teoria das mediações não operam apenas em relação às duas etapas

hegemônicas supracitadas, ao contrário disso, se interessam também por mudar o lugar de onde se fazem as perguntas nas pesquisas em comunicação, por isso, dos meios às mediações, título da obra barberiana fundante. Se as mediações são um lugar equidistante entre a produção e a recepção, elas tratam da interação dos sujeitos com os meios ao produzir sentido sobre eles, suas mensagens e códigos. Por isso, não é uma teorização que discute exclusivamente o comportamento do receptor e seu consumo, abarcando todo o processo comunicacional: desde a produção, o produto e a recepção.

É a partir dos mapas que o processo de comunicação é cartografado em suas mediações. Ao longo da obra barberiana, quatro mapas já foram concebidos, sendo o último objeto da publicação organizada por Jacks, Schmitz e Wottrich (2019, p. 11), na qual se afirma que “el mapa más reciente [...] fue presentado por JMB en una entrevista con Omar Rincón en el 2017” e interessa-se por um *sensorium* contemporâneo, colocando em perspectiva as convergências e divergências dos anteriores (datados de 1987, 1998 e 2009) e propondo “nuevos ejes y mediaciones para la comprensión de las mutaciones comunicacionales y culturales de nuestro tiempo”.

Por isso, cada novo mapa não substitui o anterior, os primeiros não estariam obsoletos, cabendo ainda discussão. A concepção de cada mapa e as suas novas mediações emergem de uma busca permanente de diálogo com as mutações culturais do nosso contemporâneo. Afinal, novos fenômenos culturais não eliminam os anteriores, pois a cultura humana não opera linearmente. Assim, os estudos que pretendem considerar o cultural lidam dialeticamente com as suas mutações e as suas tradições. Neste sentido, as mediações possuem uma “noção movente, que acompanha permanentemente as transformações da sociedade e especificamente as da comunicação” (LOPES, 2018, p.15).

O primeiro mapa das mediações, este também chamado de mapa noturno, busca fugir de uma lógica diurna positivista ao abrir mão das garantias e seguranças teóricas para assumir as margens do território latino-americano como também o lugar de onde se teorizar. Também considera o entre e, portanto, as mediações mesmo que estas estejam à margem como tema nas pesquisas em comunicação.

E esta margem opera a partir da modéstia teórica, que assume estarmos em um tempo em que podemos mais pressentir e suspeitar do que termos categóricas certezas. Por isso, o mapa noturno seria aquele que permite ao viajor guiar sua jornada de pesquisa apenas tateando, buscando pistas que o leve apenas aos próximos passos de modo a evitar grandes generalizações teóricas. A lógica noturna da sua cartografia traduz-se em uma concepção política do pesquisar e do teorizar, do construir conhecimento na e a partir da América Latina.

Mas não apenas isso. Dessa concepção do político emerge a valorização do cultural nas pesquisas que assumem as mediações como ponto de vista teórico, uma vez que buscam por dimensões do conflito social, a emergência de sujeitos regionais, religiosos, sexuais, regionais, geracionais e incluímos aqui raciais e ainda outros marcadores sociais a partir do enfoque em suas formas de resistência ao interagir com os meios de comunicação.

Pesquisas que buscam sua interlocução, concebem a relação entre a comunicação, a cultura e política, as mediações fundantes da teoria. Para tanto, não assumem a discussão do político como uma contaminação ao comunicacional e ao cultural, pois evitam pensar nestas duas últimas a partir de uma noção espiritualista, isto é, sublimada e apartada das relações dialéticas existentes no social envolvendo o poder e o conflito. Nem a comunicação, nem a cultura estão acima das relações conflituosas em sociedade, ao contrário, estão dentro da trama e do emaranhado de micropoderes e disputas em que estamos envolvidos socialmente.

Por fim, a argumentação barberiana nos convida a conceber política de modo menos mecanicista, o qual interpreta a cultura apenas a partir do seu reflexo superestrutural. As tramas da cultura são mais complexas. A metáfora da base ou infraestrutura e da superestrutura do método marxista recorre à imagem do edifício para analisar a sociedade. Resumidamente, a base ou infraestrutura deste edifício é fundada nas relações de produção das classes e a superestrutura corresponderia às formas de consciência social (que se dão por meio da política, filosofia, cultura, ciências, religiões, artes, etc.) e aos modos de pensar, visões de mundo incluindo as ideologias de classe.

Quando o autor argumenta que a cultura, na teoria das mediações, é mais complexa do que essa metáfora da superestrutura, está afirmando que seus emaranhados simbólicos extrapolam as relações econômicas da produção e das classes. Assim, mesmo que mantenha a dialética como método, abandona o materialismo marxista na medida em que reconhece na cultura simultaneamente o simbólico e os emaranhados dos conflitos de classes e de outros marcadores sociais. Trata-se de uma atualização dialética do cultural, observando-a pela lente da sua densidade complexa.

Neste contexto, a cultura tem uma natureza comunicativa na teoria das mediações. Isso implica analisar que os sujeitos na relação com os meios seus processos de comunicação não lidam com estes apenas a partir da circulação das informações, decodificando-as simplesmente. Ao contrário, o processo de decodificação é compreendido como uma produção de sentido, que é também cultural.

Com o surgimento das plataformas de vídeo na *world wide web*, a produção de sentido em grupos, por exemplo, se tornam um processo comunicativo materializado nos comentários, nas fan-fics, nos debates das comunidades, nos memes que criam e fazem circular, nas reapropriações e readaptações que fazem das narrativas oficiais. Mas será que este fenômeno é culturalmente novo? Não estamos diante de uma prática de produção de sentido que já existia na cultura cotidiana, mas que talvez não fosse visível por não ter espaço e trânsito livre nos meios de comunicação?

O surgimento da *world wide web* tornou significativamente mais visível a comunicação na cultura cotidiana, aprimorando-a por meio da sua prática processual e os seus usos. Isso implica que a teoria das mediações torna-se uma lente promissora para observar fenômenos comunicativos da cultura contemporânea. Desde antes da criação e popularização da internet, nos fins da década de 1980, ela já teorizava sobre a relação fundante entre comunicação e cultura de modo a negar que tanto o pólo da recepção é destituído de produção, quanto que o da emissão é desarticulado do público e de sua cultura.

A cartografia dos mapas barberianos é entendida como um diagrama em circuito em que cabe discutir o processo inteiro da comunicação visto ser um diagrama que a insere como mediadora das práticas culturais e políticas no cotidiano. Por isso, em todas as quatro versões já criadas dos mapas a comunicação, a cultura e a política permanecem como mediações fundantes, localizadas no centro dos diagramas.

Dito isso, é com prazer que nós, docentes do Programa de Performances Culturais da Universidade Federal de Goiás apresentamos o segundo volume do Dossiê Comunicação e Performances da Cultura, com interesse de colaborar com a consolidação do campo de estudos da performance em sua interface com a comunicação.

Desejamos aos leitores e leitoras uma ótima leitura.

Referências

- Bauman, R. (1986). **Story, Performance and Event: contextual studies of oral narrative**. Cambridge: Cambridge University Press.
- Carlson, M. (2010). **Performance: uma introdução crítica**. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Hohlfeldt, A.; Martino, L. C.; França, V. V. (2015). **Teorias da comunicação: Conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis-RJ: Vozes.
- Jacks, N.; Schmitz, D.; Wottrich, L. (2019). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural: Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero**. Quito, Ecuador: Omar Rincón/ Ciespal.
- Lopes, M. I. V. (2018). Jesús Martín-Barbero e os mapas essenciais para compreender a comunicação. **Intexto 43**, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/81160>
- Martín-Barbero, J. (2009). **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Schechner, R. (2020). **Performance Studies An Introduction**. 4th. ed. London and New York: Routledge.
- Taylor, D. (2013). **O Arquivo e o Repertório: performance e memória cultural nas Américas**. Trad. Eliana M. de L. Reis. Belo Horizonte: Editora da UFMG.